

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

KARINA ROMANHA DE ALCANTARA

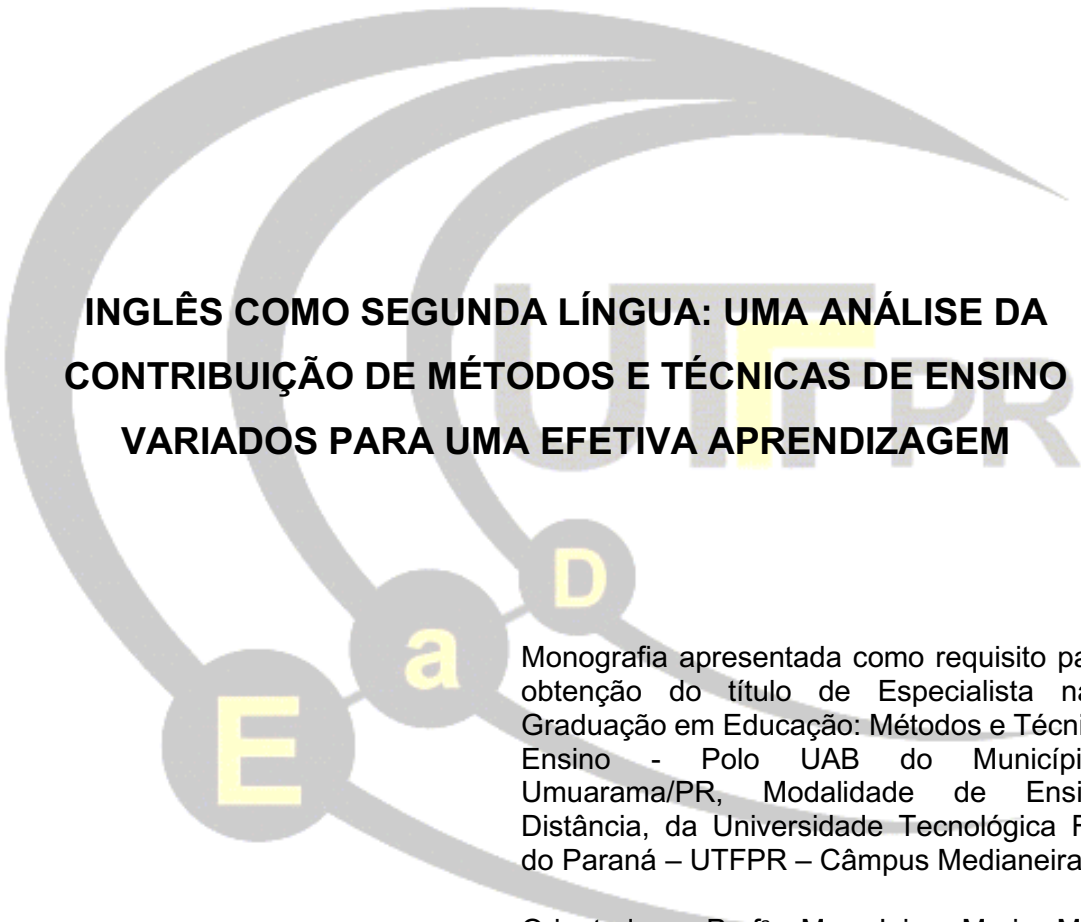
INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DA
CONTRIBUIÇÃO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO
VARIADOS PARA UMA EFETIVA APRENDIZAGEM

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2020

KARINA ROMANHA DE ALCANTARA



**INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DA
CONTRIBUIÇÃO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO
VARIADOS PARA UMA EFETIVA APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Umuarama/PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientadora: Prof^a. Me. Joice Maria Maltauro Juliano

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2020



TERMO DE APROVAÇÃO

INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DA CONTRIBUIÇÃO DE MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO VARIADOS PARA UMA EFETIVA APRENDIZAGEM

Por

Karina Romanha de Alcantara

Esta monografia foi apresentada às 10h50m do dia 26 de setembro de 2020 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Umuarama/PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A aluna foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho APROVADO.

Professora Mestre Joice Maria Maltauro Juliano
UTFPR – Câmpus Medianeira
Orientadora

Professora Mestre Flóida Moura Rocha Carlesso Batista
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro da Banca

Professora Doutora Maria Fatima Menegazzo Nicodem
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro da Banca

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-.

A minha família, verdadeira expressão de amor e doação.

A todos os professores que perpassaram meu caminho ao longo da vida, espelho, fonte de sabedoria e inspiração desde a mais tenra idade.

AGRADECIMENTOS

Descobrimo e redescobrimo a educação. Aprendendo e me apaixonando pelo ensinar. Foram etapas marcadas por lutas diárias, noites de estudo, mas muitas alegrias por cada conquista, por menor que fosse. Etapas estas que jamais teria concluído sozinha.

Agradeço a Deus por ser força nos momentos de angústia, calma nos momentos de desespero e esperança quando pensei que não pudesse mais seguir.

Aos meus pais, Emilio e Elisia, meu mais profundo agradecimento por serem exemplos de honestidade, dedicação e amor. Por não medirem esforços para garantir que eu alcançasse todos os objetivos que almejasse, por serem os primeiros a aplaudir cada êxito obtido e por me passar a segurança de que independentemente do que acontecesse, teriam orgulho de todos os meus passos.

Aos meus irmãos, Bruno, Fábio e Isabela, muito obrigada por me ensinarem os valores de união, integridade e parceria. Cada um, com suas características, contribuiu na formação do ser humano que sou hoje. Obrigada por serem espelho para mim e pelo apoio incondicional nesta caminhada. Que nossa união jamais se perca e que um dia eu possa retribuir, à altura, tudo o que fazem por mim.

Agradeço a todos os meus professores, tutores presenciais e a distância do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino da UTFPR, Câmpus Medianeira, que foram fontes inesgotáveis de inspiração. A cada aula, maior se torna minha ânsia pela educação. Obrigada por, incansavelmente, mostrar-nos o caminho e serem luz para nos guiar. Dentre eles, meu agradecimento especial à Professora Me. Joice Maria Maltauro Juliano, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa, inúmeras releituras do trabalho e constante disponibilidade em ajudar.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para o fechamento deste ciclo. Que venham os próximos desafios da vida!

“The limits of my language mean the limits of my world”. (LUDWIG WITTGENSTEIN)

RESUMO

ALCANTARA, Karina Romanha de. Inglês como segunda língua: uma análise da contribuição de métodos e técnicas de ensino variados para uma efetiva aprendizagem. 2020. 31 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

Em um crescente contexto de globalização e cidadania mundial, o estudo de línguas estrangeiras na educação básica se revela uma importante base para a compreensão das mais diversas culturas e valores. Para tanto, diversas são as técnicas que buscam garantir fluência em um segundo idioma. Por muito tempo, buscou-se incessantemente um método que fosse bem-sucedido em todos os cenários e circunstâncias e com todos os alunos. Por outro lado, há inteligências múltiplas assim como diversas são as formas de aprendizagem, razão pela qual o ensino fundamentado em um método exclusivo não seria suficiente para atender a todas as demandas. É neste sentido que se propõe a análise de técnicas e métodos de ensino de inglês como segunda língua. Por meio de pesquisas e estudo bibliográfico, esta análise busca auxiliar na investigação de técnicas que promovam o desenvolvimento das habilidades comunicativas, perpassando a construção bibliográfica acerca dos motivos que levam os alunos a ter dificuldades na aprendizagem de inglês como segunda língua, bem como a sua relação com as principais técnicas e métodos de ensino. Assim, avalia-se como a prática docente pode promover o desenvolvimento da aprendizagem nesta área.

Palavras-chave: Inglês. Metodologia. Estratégias. Linguística.

ABSTRACT

ALCANTARA, Karina Romanha de. English as a second language: an analysis of the contribution of varied teaching methods and techniques to an effective learning. 2020. 31 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2020.

In a growing context of globalization and world citizenship, the study of foreign languages in primary and secondary school is an important basis for understanding other cultures and values. Therefore, there are several techniques that seek to ensure fluency in a second language. For a long time, a method that would be successful in all scenarios and circumstances and with all students was ceaselessly sought. On the other hand, there are multiple intelligences as well as different ways of learning, which is why teaching based on an exclusive method would not be enough to meet all the demands. For this reason, the analysis of techniques and methods of teaching English as a second language is proposed. Through research and bibliographic study, this analysis seeks to assist in the investigation of techniques that promote the development of communicative skills, permeating the bibliographic construction about the reasons that lead students to have difficulties in learning English as a second language, as well as the connection with the main teaching techniques and methods. Thus, it is evaluated how the teaching practice can promote the development of learning in this area.

Keywords: English. Methodology. Strategies. Linguistics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	11
3 INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA NO ENSINO REGULAR.....	13
3.1 CENÁRIO ATUAL	15
3.2 DIFICULDADES DOS DISCENTES NA AQUISIÇÃO LINGUÍSTICA.....	18
3.3 TÉCNICAS E MÉTODOS DE ENSINO	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Em um crescente contexto de globalização e cidadania mundial, o estudo de línguas estrangeiras na educação básica se revela uma importante base para a compreensão das mais diversas culturas e valores. Para tanto, diversas são as técnicas que buscam garantir fluência em um segundo idioma.

Por muito tempo, buscou-se incessantemente um método que fosse bem-sucedido em todos os cenários e circunstâncias e com todos os alunos. Por outro lado, há inteligências múltiplas assim como diversas são as formas de aprendizagem, razão pela qual o ensino fundamentado em um método exclusivo não seria suficiente para atender a todas as demandas.

Noutro ponto, não raras vezes, encontra-se o discurso de que inglês é algo extremamente complicado e até impossível de ser apreendido. Atribui-se a isso aptidões/inaptidões inatas do sujeito, traumas ou até mesmo por não se verificar a sua necessidade com tanta facilidade de acesso a tradutores virtuais, dentre outros mecanismos.

Sob esta perspectiva, questiona-se como a utilização de variadas técnicas e métodos de ensino de inglês como segunda língua poderia contribuir para uma efetiva aprendizagem diante dos principais motivos que impedem os discentes de desenvolver novas habilidades linguísticas.

Isto posto, o presente estudo tem por objetivo geral compreender a necessidade de utilização de variadas técnicas e métodos de ensino de inglês como segunda língua para uma aprendizagem eficaz de discentes com diferentes necessidades, ao passo que os objetivos específicos são: Levantar a construção bibliográfica acerca dos principais motivos que levam os alunos a ter dificuldades na aprendizagem de inglês como segunda língua, bem como eventualmente desenvolver aversão em relação a esta disciplina e área do conhecimento; Elencar as principais técnicas e métodos de ensino de inglês como segunda língua e suas características; Por fim, avaliar como a prática docente pode promover o desenvolvimento da aprendizagem de inglês como segunda língua por meio de múltiplas técnicas e métodos de ensino.

Para atingir os objetivos expostos, este estudo utilizou como método a pesquisa exploratória e descritiva. Prodanov e Freitas (2013) atribuem à pesquisa exploratória, a finalidade de investigação e obtenção de maiores informações para delimitação e

definição de determinado assunto. Já a pesquisa descritiva, se caracteriza por assumir a forma de levantamento, classificando e interpretando dados. Quanto aos procedimentos técnicos, este trabalho é bibliográfico, o qual, segundo Silva e Menezes (2005), é elaborado com base em materiais já publicados, como a fundamentação teórica e literária.

Este trabalho se divide em cinco seções, contando com esta introdução. A seção dois apresenta de modo minucioso os procedimentos metodológicos da pesquisa. Os principais estudos teóricos e literários versam sobre o cenário atual do ensino de inglês como segunda língua no ensino regular, as principais dificuldades dos discentes na aquisição de novas habilidades linguísticas, bem como o levantamento das principais técnicas e métodos de ensino serão apresentados na sessão três e irá embasar a sessão seguinte, quando são discutidos os resultados dos levantamentos para a conclusão deste trabalho.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Para a concretização da pesquisa e com a finalidade de atender o objetivo geral proposto, sintetizado em compreender a necessidade de variadas técnicas e métodos de ensino de inglês como segunda língua para a efetiva aprendizagem de discentes com diferentes necessidades, o presente estudo classificou-se em pesquisa aplicada quanto a natureza, pesquisa exploratória e descritiva quanto aos objetivos, e pesquisa bibliográfica em relação aos procedimentos técnicos.

Quanto à natureza, trata-se de pesquisa aplicada, definida por Silva e Menezes (2005, p. 20) como aquela que “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática e dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”. Isso porque o estudo é direcionado à solução de problemas específicos, sobretudo quanto à avaliação de como a prática docente pode promover o desenvolvimento da aprendizagem de inglês como segunda língua por meio de variadas técnicas e métodos de ensino.

Em relação aos objetivos, com o uso metodológico de pesquisa exploratória e descritiva, busca-se tomar conhecimento do problema, levantar hipóteses e estabelecer relações entre as variáveis. Prodanov e Freitas (2013) atribuem à pesquisa exploratória, a finalidade de investigação e obtenção de maiores informações para delimitação e definição de determinado assunto. Já a pesquisa descritiva, se caracteriza por assumir a forma de levantamento, classificando e interpretando dados.

Por fim, quanto aos procedimentos técnicos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, a qual constitui o estudo realizado “a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na internet” (SILVA, MENEZES, 2005, p. 20).

Para entender o presente e pensar em transformação do futuro, é necessário conhecer o passado. Por este motivo, entender a conjuntura do ensino de inglês como segunda língua na educação brasileira é essencial para analisar como as variadas técnicas e métodos podem contribuir para a efetiva aprendizagem dos discentes. Assim, o primeiro objetivo específico consiste em levantar os principais estudos teóricos e literários acerca do cenário atual do ensino de inglês como segunda língua no ensino regular.

Na sequência, por meio de revisão de literatura acerca de estudos de casos já realizados, se identifica as principais dificuldades dos discentes na aquisição de novas habilidades linguísticas. Posteriormente, no último subtópico do capítulo 3, são elencadas as principais técnicas e métodos de ensino de inglês como segunda língua.

A análise da fundamentação teórica possibilitou a discussão sobre os resultados dos estudos que leva à ponderação acerca da conveniência ou até mesmo da (im)prescindibilidade de utilização de variadas técnicas e métodos de ensino de inglês como segunda língua para a efetiva aprendizagem de discentes com diferentes necessidades.

3 INGLÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA NO ENSINO REGULAR

É comum ouvir-se que pessoas têm traumas na aprendizagem de inglês e que, definitivamente, não conseguiriam aprender uma segunda língua. Em virtude da praticidade e fácil acesso a tradutores em celulares ou por outros meios, não raro vê-se indivíduos não realizando associações simples de cabeça ou demonstrando a mais simples ligação de influência de outro idioma em seu cotidiano.

Por outro lado, há quem diga que quando necessário em uma viagem, na utilização de aparelhos, em um filme, etc., como por um “estalo”, pôde compreender contextos e inferir significados ao idioma estrangeiro. Tais situações demonstram que, por vezes, a deficiência na aprendizagem não ocorreu por falta de capacidade do indivíduo, mas em virtude de um processo de ensino-aprendizagem que não atendeu aos seus objetivos.

Acrescente-se o fato de que está culturalmente enraizado a ideia de que só é possível ser proficiente ou até mesmo ter o domínio básico de um novo idioma por meio de frequência em um curso específico em escolas especializadas, sendo a segunda língua no ensino regular apenas uma introdução ou mera forma de completar a carga horária.

Claramente, o ensino regular no Brasil não vive ‘anos dourados’ em nenhuma disciplina, de modo geral, em razão da falta de estrutura, capacitação dos profissionais, dentre outros fatores. Mas seria mesmo impossível a aquisição de um novo idioma no ensino regular? Por que, quando se questiona sobre conhecimento de inglês, a resposta ‘só sei o básico de escola’ é tão comum? Por que o ensino regular é sinônimo de superficialidade quando se trata de aulas da disciplina de língua inglesa?

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental quanto à língua estrangeira dispõem que:

Embora seu conhecimento seja altamente prestigiado na sociedade, as línguas estrangeiras, como disciplinas, se encontram deslocadas da escola. A proliferação de cursos particulares é evidência clara para tal afirmação. Seu ensino, como o de outras disciplinas, é função da escola, e é lá que deve ocorrer. (BRASIL, 1998, p. 19).

Dada a garantia de que este ensino seja função da escola, os PCNs reconhecem que:

Deve-se considerar também o fato de que as condições na sala de aula da maioria das escolas brasileiras (carga horária reduzida, classes superlotadas, pouco domínio das habilidades orais por parte da maioria dos professores, material didático reduzido a giz e livro didático etc.) podem inviabilizar o ensino das quatro habilidades comunicativas. (BRASIL, 1998, p. 21).

Por esse motivo, justifica-se o foco na leitura e a limitação de metodologias. Há que se destacar que cada discente é um universo, ou seja, a aprendizagem de cada um ocorre à sua maneira. Não se pode garantir uma aprendizagem de uma turma, em sua integralidade, se todas as aulas forem da mesma maneira, utilizando o mesmo método, seja ele de gramática-tradução, direto, audiolingual, dentre outros. Em que pese determinado método possa auxiliar uma maioria, ou mesmo ser mais prático em virtude dos recursos disponíveis, se for o único, será excludente de uma minoria, impedindo o acesso destes ao conhecimento.

Considerando que as turmas no ensino básico tendem a ter um número bem superior de alunos que as salas de aula de uma escola especializada, o diagnóstico dos métodos e técnicas tendem a ser menos precisos, restando por optar-se pelo mais prático, mas não necessariamente o mais eficaz.

Por outro lado, cabe destacar que:

No processo ensino-aprendizagem as atitudes do professor podem determinar se seus alunos irão atingir os objetivos pedagógicos ou não, pois a capacidade de percepção de cada aluno é diferente. Podemos observar que existem grupos de pessoas com características semelhantes e seus canais de entendimento são os mesmos. Conhecendo bem os seus alunos, o professor poderá decidir quais as técnicas ou métodos que poderão ser aplicados no processo do ensino-aprendizagem dentro do contexto histórico-educacional. (KRUGER, PARISE, 2007).

Neste sentido, justifica-se a necessidade de compreensão dos mais variados métodos e recursos pedagógicos, uma vez que a dinamicidade de atividades e técnicas tende a abranger as mais diversas habilidades e suprir as necessidades mais específicas, sobretudo quando o público-alvo é mais amplo.

De todo modo,

Seja qual for o caminho metodológico escolhido pelo professor, é preciso que o processo de ensino e aprendizagem da segunda língua forneça ao aluno um propósito, uma intenção comunicativa, uma necessidade de transmitir informação, de estabelecer vínculos e conviver de maneira solidária e harmoniosa com os outros. (ZUCCHI, SANTOS, 2011, p. 177).

Portanto, a problematização da metodologia no ensino de inglês como segunda língua na escola regular se revela imprescindível, considerando as limitações infra estruturais, de carga horária, qualificação profissional, dentre outras, que já se colocam como barreiras para uma efetiva aprendizagem.

A partir disso, analisa-se o atual cenário dessa relevante área do conhecimento, objetivando estabelecer um ponto de partida que justifique a necessidade de utilização de variadas técnicas e métodos de ensino em sala de aula, como uma maneira de se sobrepor a limitações de ordem material, que não dependem do docente, mas a quem cabe, de todo modo, a garantia de que sejam oferecidas oportunidades de aprendizagem reais.

3.1 CENÁRIO ATUAL

O ensino de inglês como língua estrangeira na educação básica está submetido às instâncias decisórias federais, estaduais e municipais. No âmbito federal, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 assegura o acesso e universalização do ensino básico, o qual, por sua vez, é regulado pela Lei nº 9.394/96, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (BRASIL, 1988). Os conteúdos a serem ofertados, no entanto, estão dispostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais norteiam as decisões nos âmbitos estaduais e municipais, que terão autonomia, quanto à disciplina de inglês como língua estrangeira, em relação à carga horária e, sobretudo, as habilidades a serem trabalhadas.

Tal autonomia, no entanto, impede uma padronização do ensino, assim como uma forma de auferir com precisão o desempenho escolar na disciplina de um modo geral. Por outro lado, esta situação não impede que o ensino seja questionado, pelo contrário, atribui ainda mais relevância à análise das práticas pedagógicas.

No presente contexto, o ensino de língua estrangeira é compulsório na educação básica a partir do Ensino Fundamental II e não necessariamente a língua inglesa, mas a que for mais coerente conforme fatores históricos e culturais da região.

Diante da garantia legal de oferta, há que se destacar que adversidades enfrentadas pelo ensino público, de maneira geral, influenciam diretamente no trabalho pedagógico a ser realizado, tais como: superlotação das salas de aulas, professores desvalorizados, estrutura física e tecnológica precária, dentre outros.

Some-se a isso o fato de que até mesmo o fornecimento de material didático para o ensino de inglês somente foi abrangido pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) no ano de 2011, o que corrobora com a ideia de subestimação da disciplina. Ainda neste ponto, há que se destacar que os materiais ofertados, geralmente demandam nível de proficiência muito superior à da realidade dos alunos. Uma pesquisa realizada pela British Council Brasil, em 2015, aponta que “para 42% dos professores, o conteúdo dos livros didáticos é mais avançado do que o nível de conhecimento que os alunos têm do idioma, o que faz com que muitos não consigam usá-los como base para o ensino” (BRITISH COUNCIL, 2015, p. 17).

Embora a relevância do ensino de inglês como segunda língua para alunos brasileiros seja justificada até mesmo pelo fato de ser a língua estrangeira mais falada no mundo, seu papel na formação estudantil não está suficientemente claro. A mesma pesquisa realizada pela British Council, concluiu que:

É necessário pautar uma discussão ampla sobre o papel do ensino do inglês na formação do jovem brasileiro. Os dados indicam um contexto em que o inglês não tem uma função clara, uma vez que não há plano estratégico comum para o aprendizado da língua, a qual tampouco é considerada relevante dentro da base curricular. Enquanto for visto como uma disciplina complementar, o inglês não será desenvolvido de forma adequada nas escolas públicas, o que prejudica a inserção do Brasil em um contexto globalizado (BRITISH COUNCIL, 2015, p. 37).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais estabelecem como objetivos gerais da língua estrangeira para o ensino fundamental os seguintes focos: “O mundo multilíngüe e multicultural em que vive; a compreensão global (escrita e oral); o empenho na negociação do significado e não na correção” (BRASIL, 1998, p. 66). O mesmo documento elenca que se espera que o aluno seja capaz de:

- identificar no universo que o cerca as línguas estrangeiras que cooperam nos sistemas de comunicação, percebendo-se como parte integrante de um mundo plurilíngüe e compreendendo o papel hegemônico que algumas línguas desempenham em determinado momento histórico;
- vivenciar uma experiência de comunicação humana, pelo uso de uma língua estrangeira, no que se refere a novas maneiras de se expressar e de ver o mundo, refletindo sobre os costumes ou maneiras de agir e interagir e as visões de seu próprio mundo, possibilitando maior entendimento de um mundo plural e de seu próprio papel como cidadão de seu país e do mundo;
- reconhecer que o aprendizado de uma ou mais línguas lhe possibilita o acesso a bens culturais da humanidade construídos em outras partes do mundo;

- construir conhecimento sistêmico, sobre a organização textual e sobre como e quando utilizar a linguagem nas situações de comunicação, tendo como base os conhecimentos da língua materna;
- construir consciência lingüística e consciência crítica dos usos que se fazem da língua estrangeira que está aprendendo;
- ler e valorizar a leitura como fonte de informação e prazer, utilizando-a como meio de acesso ao mundo do trabalho e dos estudos avançados;
- utilizar outras habilidades comunicativas de modo a poder atuar em situações diversas. (BRASIL, 1998, p. 67).

Por fim, para que se atinja os objetivos propostos, o PCN reconhece que atualmente, “o método não é mais visto como um modelo pronto e definitivo” (BRASIL, 1998, p. 76), razão pela qual propõe abordagens “alicerçadas em princípios de natureza variada”, sendo elas:

- sociointeracional da aprendizagem em sala de aula;
- cognitiva, em relação a como o conhecimento lingüístico é construído por meio do envolvimento na negociação do significado, como também no que se refere aos pré-conhecimentos (língua materna e outros) que o aluno traz;
- afetiva, tendo em vista a experiência de vir a se constituir como ser discursivo em uma língua estrangeira;
- pedagógica, em relação ao fato de que o uso da linguagem é parte central do que o aluno tem de aprender. (BRASIL, 1998, p. 76).

A abordagem no cenário atual, no entanto, discute o fato de haver uma superlotação de turmas, de modo que resta impossibilitada uma homogeneidade. A realidade encontrada em sala de aula, em grande parte das vezes, é a da existência de grupos desnivelados, provenientes de contextos histórico-cultural distintos uns dos outros. Embora essa diversidade cultural e de aprendizagem possa promover grandes trocas de experiências, o que se vê, na prática, são tentativas de exigir resultados iguais, por meio de uma única abordagem, e sempre retomando do mesmo ponto de partida gramatical, o verbo ser/estar, na vã tentativa de garantir uma efetiva aprendizagem.

Piccoli (2006, p. 2) considera que:

Percebe-se que o professor de língua estrangeira mantém-se afastado do contexto educacional propriamente dito e preocupa-se apenas em transmitir os conteúdos lingüísticos. Esses professores têm evitado considerar o ensino de língua estrangeira como parte relevante da educação integral do ser humano, desconhecendo muitas vezes as razões e os porquês do ensino de pelo menos uma língua estrangeira como aspecto fundamental na educação de sujeitos.

A descontextualização do ensino de inglês e a ausência de reconhecimento de sua utilidade prática coloca, tanto professor quanto aluno, em uma posição de descaso com a disciplina, levando-os a tão somente cumprir com o preestabelecido sem que aquilo promova significado e ocupe o seu papel na formação educacional. A partir disso, justifica-se a utilização de métodos tão mecânicos que não exijam do discente o aprimoramento de sua habilidade comunicativa, negociação de significados e consciência linguística.

É justamente a mecanização das aulas, no que se refere a abordagem, e a inflexibilidade de métodos, que levam tantos alunos a desvalorizar a disciplina e, por fim, não alcançar os objetivos quando permanecem presos na necessidade de tradução de forma desconexa da comunicação em si.

Sob este aspecto, a desvalorização do ensino, por sua vez, leva ao fracasso escolar no que tange a disciplina de inglês como língua estrangeira em específico, razão pela qual revela-se fundamental compreender as dificuldades e demandas do público escolar para garantia de que a abordagem de ensino será eficaz.

3.2 DIFICULDADES DOS DISCENTES NA AQUISIÇÃO LINGUÍSTICA

Para que se possa questionar a eficácia da aprendizagem e a abordagem a qual é ofertada aos alunos para a garantia de que isso ocorra, faz-se necessário uma leitura a partir do ponto de vista do aluno. A análise, sob esta perspectiva, coloca o aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem e não como mero experimento apto a absorver a informação por meio de qualquer técnica e método a si proposto, sem variáveis e de maneira exata.

Inicialmente, cabe destacar que já é cultural e senso comum a ideia de que seja impossível aprender inglês quando não se estuda em uma escola especializada. Em que pese a carga horária semanal, geralmente, não ultrapasse em muito a do ensino regular, a disciplina no ensino básico ainda não é vista como capaz de garantir a aprendizagem. Um estudo realizado por Barcelos (2011), o qual teve como público alvo professores de pós-graduação no Brasil, apontou que “a maioria dos participantes desses estudos possui a crença de que não é possível aprender Inglês na escola pública e de que o curso de idiomas é o lugar por excelência para se aprender essa língua” (BARCELOS, 2011, p. 149).

Sob outro enfoque, uma pesquisa e estudo de caso realizada por Costa, identificou como sendo pontos desmotivadores apontados por alunos “aulas cansativas, provas difíceis, excesso de gramática, falta de leitura e falta de material” (COSTA, 2004, p. 11).

A motivação do aluno tem papel fundamental para que este possa se desenvolver e se tornar atuante na sua própria formação. Contudo, ao chegar em sala de aula, por vezes, encontra profissionais pouco confiantes, ainda que geralmente com ampla formação, materiais didáticos inadequados e poucos ou nenhum outro recurso pedagógico.

Diante disto, o discente encara um descaso que reflete nas práticas pedagógicas. Ele já é levado a considerar desnecessária a disciplina por toda a carga histórica, o que demanda do corpo docente um empenho hercúleo de quebrar velhos paradigmas, motivar, para então ter ali um sujeito aberto à aprendizagem. Por outro lado, como exigir o combate ao senso comum de que a escola regular não é lugar para ensino de idiomas quando até mesmo os professores não estão conscientes de seu potencial?

Por outra vertente, o aluno não enxerga de pronto a utilidade da aprendizagem de uma segunda língua quando não há perspectivas de uma viagem ao exterior ou a necessidade de uso iminente, por exemplo. A falta de um propósito impede que a aquisição linguística ocorra de maneira natural e leva a uma mera memorização, unicamente para a realização de exames e avaliações sem que isso tenha qualquer significado para o aluno. Justamente por isso que as provas são vistas como difíceis, desmotivando alunos e dando um retorno equivocados ao professor de que o fracasso na disciplina é algo corriqueiro e, portanto, normal.

Inúmeros estudos de caso apontam uma indisciplina por parte dos alunos, decorrente de aulas que não chamam a sua atenção, que não imprimem relevância à sua vivência. As aulas, vistas como cansativas, podem decorrer de uma dissociação dos valores culturais, sociais e ideológicos de um idioma, que pode até parecer vantagem num primeiro momento, por ir direto ao ponto, ao ensino da linguagem em si, entretanto, retira do aluno a oportunidade de situar a relevância de seu empenho nesta área do conhecimento.

Sob outra perspectiva, as aulas de inglês são marcadas por uma falta de continuidade. Na desesperada tentativa de ter uma classe homogênea, com todos os alunos saindo do mesmo ponto de partida, a cada novo professor ou a cada período

letivo, retoma-se o ensino do verbo ser/estar, corroborando a tese estudantil de que não há perspectiva de progresso ou evolução.

Ainda, como visto, à escola regular é atribuída a visão de espaço para o ensino de gramática, o qual seria incompatível com a dinamicidade de aulas necessárias para despertar o interesse por parte dos discentes. Isso ocorre porque, ante a tantas barreiras que impedem o pleno desenvolvimento do idioma, opta-se pelo inglês instrumental, o qual é conceituado como uma metodologia voltada para a aprendizagem de inglês com fins específicos. Por meio desta abordagem, objetiva-se que o aluno seja capaz de compreender textos acadêmicos com determinadas técnicas e esquemas, mas sempre voltadas ao desenvolvimento exclusivo da habilidade de leitura.

Visto que o inglês instrumental seja de grande valia, sobretudo considerando que o meio para a aferição de eficácia de aprendizagem permanece ocorrendo por meio de provas escritas e objetivas, como é o caso do Exame Nacional do Ensino Médio, se contrapõe às necessidades e aos principais objetivos dos alunos, quando privilegia a leitura ao invés de, também, a fala, escrita e compreensão auditiva.

Um estudo de caso realizado por Guia e Silva (2013, p. 15) apontam que:

Apesar de [os alunos] terem apontado a fala como sua maior dificuldade, ao mesmo tempo, indicaram que seu maior interesse nas aulas de Inglês era pela prática da oralidade. Ao serem perguntados sobre as atividades que gostariam que fossem trabalhadas nas aulas de Inglês, as respostas foram: práticas de fala/oralidade (29%), de leitura (19%), de escrita (17%), de audição/músicas (16%) e de gramática/vocabulário/outros (18%). E, ainda, reforçando a importância que dão à habilidade de falar, os alunos acreditam que o Inglês só poderá ser útil no futuro em situações de fala/comunicação.

Ampliando-se o panorama em análise, passa-se a avaliar as principais dificuldades na aprendizagem do idioma inglês como segunda língua de modo geral, sem as implicações e barreiras decorrentes do próprio ensino público regular.

Na aprendizagem de um novo idioma, alguns requisitos, quando não preenchidos, tornam-se barreiras intransponíveis, que impedem o acesso ao mundo de conhecimento e informação que bilingües têm à sua disposição. Inicialmente, cabe destaque ao interesse e a necessidade. Enquanto não há um objetivo claro para a aprendizagem, qualquer ponto de chegada servirá, inclusive se nem sair do lugar. Daí a relevância de se ressaltar a utilidade do idioma, assim como investigar os interesses e motivações do estudante.

Um segundo ponto está na disponibilidade de tempo. A aquisição linguística é um processo que demanda tempo e, quando a necessidade de sua utilização já está iminente, pode ser que não seja mais possível alcançá-lo tempestivamente. Não é quando a vaga de emprego surge ou na preparação para uma prova que poderá iniciar o processo de ensino-aprendizagem.

Neste ponto, em específico, evidencia ainda mais o valor de iniciar os estudos ainda no ensino fundamental. Sob este enfoque, cabe salientar que ainda que se tenha um longo prazo, o ensino do idioma demanda um contato constante, razão pela qual, seja em aulas regulares ou em escolas especializadas, a assimilação depende de que o aluno se submeta ao contato com o idioma também em outros momentos do dia-a-dia, no maior tempo possível.

A timidez e o medo de errar também se apresentam como obstáculo à aprendizagem, sobretudo em ambientes como na escola regular, onde há uma pluralidade de níveis de proficiência em uma mesma sala de aula. Os alunos, que tiveram menos oportunidades de se desenvolver, ficam desestimulados a tentar, a arriscar e a se expor. Treino, esforço e a consciência de que erros fazem parte da construção do conhecimento são fundamentais para a aquisição linguística.

A prática de pronúncia e conversação também levam o título de empecilho à fluência em uma segunda língua. O inglês deriva de origem diversa da nossa língua nativa, não é uma língua latina, razão pela qual os sons, a princípio, podem parecer complicados e demandar até mesmo uma adaptação da musculatura facial. Em ambientes com mais alunos, não é possível dar uma atenção específica a cada um para avaliação do desempenho da pronúncia de forma individualizada e, ainda pior, a sua prática pode parecer como a falta de domínio de turma ou indisciplina, vez que se tem, para o senso comum, como padrão de estudo o silêncio e a concentração no papel. Por outro lado, como aprender sobre comunicação sem comunicar-se?

A consciência de progresso, ou da ausência desta, também é um fator que desmotiva e, por consequência, impede a persistência e empenho na aprendizagem. Isso porque objetivar “aprender inglês” é muito vago e pode parecer nunca ser o suficiente. Fazendo um paralelo com a língua portuguesa: língua materna, regras formais incluídas todos os anos no currículo escolar e, apesar disso, comumente gera dúvidas aos falantes nativos. Da mesma forma ocorre com a língua inglesa. Por este motivo, é essencial estabelecer metas específicas para a noção de progresso ser mais específica.

Por fim, em um rol exemplificativo e não exaustivo sobre o assunto, tem-se a dificuldade de memorização. Tentar aprender um idioma por meio da memorização, apesar de comum, é um processo fadado ao fracasso. Isso porque se demonstra como um processo mecânico, para a aprendizagem de algo que deve ser natural, já que se trata de comunicação. Não se trata de repetição e memorização, mas de exposição constante ao idioma que levará a assimilação e a aquisição linguística.

Diante das maiores dificuldades encontradas pelos discentes na aprendizagem do inglês como segunda língua, cabe ao professor, responsável por guiar o processo de ensino-aprendizagem a reflexão de suas práticas, sobretudo as técnicas e métodos de ensino, de modo a adequá-las às necessidades de seu público, levando-os a superação das barreiras e, como sujeitos ativos, atender aos objetivos esperados.

3.3 TÉCNICAS E MÉTODOS DE ENSINO

Precisamente por caber ao professor tornar o conhecimento acessível ao discente é que se demonstra fundamental a elaboração de estratégias que respeitem as fases do desenvolvimento do discente, bem como sua forma de aprendizagem.

Jalil e Procailo (2009, p. 783) afirmam que:

Os métodos de ensino devem ser considerados um referencial a ser adaptado por parte do professor de acordo com a situação particular ou contexto em que está inserido. Dessa maneira, o professor estará utilizando abordagens e métodos que refletem seus princípios de forma mais acurada, o que diminuiria o abismo entre a teoria elaborada por estudiosos da Linguística Aplicada e a prática, vivenciada pelo professor em seu dia-a-dia.

Assim, a capacidade metodológica do professor é entendida como um processo, algo que precisa ser planejado, estruturado e trabalhado. Somente por meio de muita preparação é que a aula se torna produtiva.

A partir disso e, considerando que a metodologia exerce um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem do inglês como segunda língua, passa-se a uma reflexão dos métodos e técnicas de ensino.

A busca pelo método perfeito não é discussão nova. Por cerca de um século, inúmeros foram os debates e experiências para garantir qual método seria o mais eficaz, dentre eles o tradicional, direto e o audiolingual.

Desde a década de 80, vem se disseminando o fato de que não há técnica ou método universal capaz de garantir a aprendizagem de todos, indiscriminadamente, em qualquer que seja o contexto. Justamente pela impossibilidade de se chegar a uma fórmula exata é que se faz sempre pertinente a discussão das práticas pedagógicas. A ideia que se faz válida hoje é que a abordagem deverá ser tão dinâmica quanto o seu público alvo.

Em que pese os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) apontem que a abordagem deva ser alicerçada, dentre outros princípios, no sociointeracionismo, o que se verifica da prática pedagógica é que o método tradicional ainda se faz presente, embora não mais condiga com as necessidades atuais.

O método tradicional “consiste no ensino da gramática normativa e no incentivo à tradução literal. É trabalhada através da tradução de palavras de um texto ou de todo corpo textual, da memorização das regras gramaticais e do vocabulário aprendido” (VILARINHO, 2009).

Pode-se perceber que um fator decisivo para a eficácia da aprendizagem de inglês como segunda língua está na motivação. O trabalho que beira a exclusividade de uma única habilidade, a leitura/gramática, não mais atende aos interesses dos educandos, de modo que o método tradicional já não é o suficiente. Isso não significa dizer que a gramática não seja necessária, mas sim, que a aprendizagem desta deva ocorrer em decorrência da comunicação, objetivo principal da aprendizagem e não o contrário.

A metodologia direta, por sua vez, considera que o aprendizado de um novo idioma se dará pela exclusão da língua nativa, ou seja, o inglês seria aprendido de modo autônomo, sem se ancorar em traduções em outro idioma. Entretanto, o professor permanece como o detentor do saber, impedindo que os alunos se responsabilizem e percebam seu progresso no processo de ensino-aprendizagem.

Já o método audiolingual é visto como um processo mecânico de aprendizagem pela oralidade, por meio da repetição e memorização, mas que, como já visto, torna as aulas cansativas e monótonas, fator determinante para o fracasso escolar pelo desinteresse.

Por fim, surge o sociointeracionismo, método com raízes no pensamento de Vygotsky, o qual considera que a aquisição de linguagem decorre da interação social no contexto em que o indivíduo se encontra. Conforme Rego (2009, p. 93) o pensamento Vygotskyano parte da

premissa de que o homem constitui-se como tal através de suas interações sociais, portanto, é visto como alguém que transforma e é transformado nas relações produzidas em uma determinada cultura”. Sendo assim, ressaltamos que os ideais de Vygotsky são radicalmente contrários às ideias inatistas e ambientalistas. O homem não desenvolve a linguagem de forma, somente, por aspectos hereditários e maturacionais, tampouco exclusivamente pelas pressões do meio. O que ocorre é “uma interação dialética que se dá, desde o nascimento, entre o ser humano e o meio social e cultural que se insere.

A partir disto, a sala de aula não pode ser vista mais como uma hierarquia entre professor e aluno, mas um ambiente que promova a prática social para a construção do conhecimento. Segundo Souza, Stefanello e Spilmann (2010, p. 24),

Para o desenvolvimento eficaz do ensino e aprendizagem da língua estrangeira, é importante salientar que os aspectos, como a motivação, a atitude, a autoconfiança e o controle da ansiedade são fundamentais, justificando o caráter epistemológico e ontológico inerentes ao indivíduo como ser sociointeracional.

Olhando-se para uma concepção sociointeracionista têm-se a abordagem comunicativa, a qual não pode ser vista como fundamentada em desenvolvimento da habilidade de conversação, mas como a abordagem com foco na interação por meio de situações reais e de interesse do aprendiz.

Pontes e Davel (2016, p. 111) afirmam que:

De acordo com a abordagem comunicativa, o aluno se sentirá mais motivado se o curso estiver focado no ensino da língua com conteúdo significativo, ou seja, quando há relação entre o que está sendo ensinado e a realidade, pois o aluno poderá perceber que fará uso das estruturas que estão sendo apresentadas.

O método sociointeracionista, mediado pela abordagem comunicativa, vai precisamente na contramão de velhas práticas que priorizam o ensino da gramática à aprendizagem por meio de situações reais.

Por outro lado, afirmar que a abordagem comunicativa seria a ideal, pura e simplesmente, beiraria a utopia. Isso porque, mesmo em escolas especializadas, com um número reduzido de alunos, encontram-se obstáculos, quanto mais em uma turma superlotada e com uma pluralidade de contextos.

Considerando a impossibilidade de um único professor atender a uma demanda tão grande, se questiona se o seu papel deve ser realmente o de responsável exclusivo do processo de ensino-aprendizagem. Como já abordado anteriormente, o aluno deve ser visto como sujeito ativo neste processo e, por isso, o papel do professor

não é o de transmitir o conteúdo e verificar a pronúncia de um a um em uma conversa irreal e desconexa. Deve, por outro lado, propiciar um ambiente seguro para tentativas, erros e acertos, e para o cooperativismo, de maneira que a interação ocorra entre aluno-aluno e não professor-aluno, o qual atuará apenas como facilitador neste processo.

Pontes e Davel (2016, p. 112) expressam que “uma aula que esteja focada no aprendizado de uma maneira comunicativa, é planejada para fazer com que o aluno seja capaz de tomar decisões, pelo treinamento sistemático de habilidades que os ajudem a fazer escolhas”.

Sob este ponto de vista, se percebe que a utilização exclusiva de uma técnica de ensino, valorizando uma habilidade sobre outras não encontra mais espaço no ensino de inglês como segunda língua na escola regular, como é o caso do método tradicional e até mesmo da prática de inglês instrumental objetivando exclusivamente exames objetivos.

A variedade de técnicas e práticas de habilidade deve enfatizar a aprendizagem da comunicação e não de regras, a partir de situações reais e de materiais autênticos, colocando o estudante como contribuinte direto no seu processo de ensino-aprendizagem.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou atrair atenção para o tema das práticas pedagógicas no ensino de inglês como segunda língua em escolas regulares, sobretudo direcionando a uma reflexão do trabalho docente, analisando como a utilização de variados métodos e técnicas de ensino podem contribuir no processo ensino-aprendizagem, bem como de que forma os principais motivos que levam os alunos a terem dificuldades na aprendizagem de inglês como segunda língua, podem ser superados por meio desta contribuição.

Ao longo do curso de Especialização em educação: Métodos e técnicas de ensino, lapida-se o olhar do profissional para que este se coloque como agente transformador, ou seja, para que este compreenda sua atribuição como sujeito responsável pelo processo de ensino-aprendizagem, que aqui não se compreenda como o detentor do saber, mas como mediador, capacitado para oferecer os recursos metodológicos de modo a garantir o aprendizado de forma efetiva.

Cientes de que o ensino de inglês como segunda língua vai além de possibilitar a decifração de um código, mas sim envolve a comunicação, a compreensão de culturas e valores de um mundo globalizado, buscou-se, por meio de reflexões com relação à renovação metodológica, evitar a perpetuação do tradicional bloqueio acerca do raciocínio linguístico ou mesmo a ideia de que se trata de um conhecimento que só pode ser alcançado por meio da oportunidade de frequência em cursos especializados.

Para tanto, diante da situação de saúde atípica enfrentada mundialmente tenha alterado o calendário presencial das escolas regulares, o que impediu um estudo de caso específico em determinado contexto, foi possível o levantamento de construções bibliográficas, ou seja, estudos já realizados que apontam os principais motivos que levam os alunos a ter dificuldades na aprendizagem de inglês como segunda língua. Dentre eles, em um rol exemplificativo, destacou-se: desmotivação do estudante, falta de um propósito claro, ausência de continuidade ou senso de progresso, foco de estudo divergente da necessidade comunicativa iminente, dificuldade de memorização, dentre outros.

Na sequência, elencaram-se os principais métodos no ensino de inglês das últimas décadas, sendo eles o tradicional, direto, audiolingual e o sociointeracionismo. Por meio do estudo empenhado, com relação as características de cada método em

face de uma análise do cenário atual, reconheceu-se que, embora os Parâmetros Curriculares Nacionais apontem que a abordagem deva ser alicerçada, dentre outros princípios, no sociointeracionismo, é o método tradicional que segue sendo desenvolvido em sala de aula.

Isto considerado, é preciso ser avaliado como a prática docente pode promover a superação das principais dificuldades apontadas pelos alunos por meio de variadas técnicas e recursos metodológicos.

De pronto, é possível concluir que, ao focar o ensino em uma única habilidade, a leitura, ou mesmo em relação à gramática, inevitavelmente percorre-se caminho contrário ao anseio e demanda estudantil, levando à desmotivação, bem como ao impedimento do reconhecimento da necessidade e alcance de modo pleno e útil a esta área do conhecimento. Ainda que o foco na leitura, escrita e gramática, ou mesmo no inglês instrumental seja justificado pelo modo avaliativo que os discentes encontrarão ao longo de sua carreira escolar e acadêmica, não são as aulas que devem se adaptar à forma de avaliação, mas a pauta avaliativa e respectivos instrumentos de aferição que devem se adequar ao objetivo educacional maior, o qual deve ser equivalente à necessidade comunicativa como um todo.

Desta forma, ao se eleger método e técnica, é preciso considerar que a comunicação é extremamente abrangente, razão pela qual limitar seus objetivos, ou mesmo reduzi-los, pode impedir que finde por não chegar a lugar algum. A falta de um propósito claro, apontada como dificuldade encontrada pelos alunos, nada mais é que a ausência de alinhamento entre as expectativas do professor e anseios de seu público-alvo.

Noutro ponto, a ausência de percepção de progresso decorre de uma monotonia de aulas que desconsideram o conhecimento prévio e a construção já acumulada, retomando sempre as mesmas técnicas mesmo que esperando resultados distintos.

Com fundamento nesta análise, não somente por meio dos estudos empreendidos para a elaboração do presente trabalho, mas também por toda caminhada até aqui percorrida nos anos da graduação, da especialização e da prática docente, constatou-se caber ao professor a conscientização de que o conhecimento não é finito, principalmente considerando a carreira que escolhemos, e que o aperfeiçoamento e a formação continuada devem ser encarados como essenciais, especialmente no que concerne às práticas pedagógicas.

Sob esta perspectiva, por meio da presente e necessária análise, conclui-se que, através da conscientização do professor acerca da relevância que a eleição de métodos e técnicas imprimem para os objetivos educacionais, poderá se garantir a superação de uma grande barreira ao acesso à aprendizagem de inglês na escola regular.

Conquanto a metodologia não seja o único empecilho, vez que ainda deva se considerar um cenário de superlotação de salas de aulas, precariedade de recursos materiais e tecnológicos, carga horária reduzida, dentre inúmeros outros, ao professor é dada a oportunidade de verdadeiramente ocupar a função de agente transformador, ao permanentemente buscar a reflexão de suas práticas para que o ensino não pare no tempo, se atualize e, por consequência, garanta a ampliação das fronteiras do conhecimento na escola regular.

REFERÊNCIAS

- BARCELOS, A. M. F. **Lugares (im)possíveis de se aprender inglês no Brasil:** crenças sobre aprendizagem de Inglês em uma narrativa. In: Inglês em escolas públicas não funciona? Uma questão, Múltiplos olhares. São Paulo: Parábola, 2011.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRITISH COUNCIL. **O Ensino de inglês na educação pública brasileira.** São Paulo: British Council, 2015.
- COSTA, E. L. **Fatores que motivam e desmotivam na aprendizagem da língua inglesa.** Monografias Brasil Escola. Disponível em: <http://brasileSCO.la/m14975>. Acesso em: 13 abr. 2020.
- GUIA, M. P. da C.; SILVA, V. L. da. **Um estudo de caso sobre ensino e aprendizagem de língua inglesa na escola pública.** Cuiabá: UFMT, 2013.
- JALIL, S. A; PROCAILO, L. Metodologia de ensino de línguas estrangeiras: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. In: Anais **IX Congresso Nacional de Educação PUCPR.** Curitiba, 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2044_2145.pdf. Acesso em: 08 out. 2019.
- KRUGER, C. I. T; PARISE, L. T. G. Métodos de ensino de línguas estrangeira. **Synergismus scyentifica UTFPR.** Pato Branco. v. 2, 2007. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/SysScy/article/download/134/55>. Acesso em: 04 out. 2019.
- PICCOLI, M. C. O educador em língua dominante e o desenvolvimento sustentável. In: **Revista X,** Curitiba, v. 1, p.1-16, 2006.
- PONTES, V. F.; DAVEL, M. A. N. O inglês na educação básica: um desafio para o professor. In: **Revista X,** Curitiba, p. 102-117, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/download/32055/27931>. Acesso em: 16 abr., 2020.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.
- REGO, T. C. **Vygotsky:** uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOUZA, A. P. R.; STEFANELLO, C. A.; SPILMANN, I. A. A concepção sociointeracionista no ensino do inglês: o professor e o livro didático. In: **Roteiro**, Joaçaba, v. 35, n. 1, p. 23-52, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5161730.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2020.

VILARINHO, S. Metodologias do inglês. **Canal do educador**. 2009. Disponível em: <https://is.gd/mM0a24>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ZUCCHI, M. P.; SANTOS, L. I. S. Ensino e aprendizagem da língua inglesa: metodologias vivenciadas em anos iniciais do ensino fundamental. In: **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 2, n. 2, p. 171-180, Ago./Dez. 2011. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/download/403/244>. Acesso em: 1, out. 2019.